RBPS Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde, 2025;27(Supl 4)
https://doi.org/10.47456/rbps.v27isupl_4.54467

Percepção de cuidadores sobre a viabilidade da telemedicina na assistência a pessoas idosas com necessidades complexas de cuidado

Caregivers' perceptions of the feasibility of telemedicine in the care of older adults with complex care needs

Roni Chaim Mukamal[1,2], Viviane Gontijo Augusto[3], Laiane Moraes Dias[4], Thiago Dias Sarti[2], Elisa Reisen Vasconcelos[2], Guilhermina Rego[1]

RESUMO

Introdução: A telemedicina pode apoiar o cuidado de pessoas idosas, mas depende de recursos tecnológicos e apoio durante as consultas. **Objetivo:** Analisar a percepção de cuidadores sobre a viabilidade da telemedicina no acompanhamento ambulatorial de pessoas idosas com necessidades complexas de cuidado. **Métodos:** Estudo qualitativo descritivo, realizado durante a pandemia de covid-19 no serviço de Geriatria e Gerontologia do Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes, no Espírito Santo. Participaram 16 cuidadores, selecionados por conveniência, com experiência em ao menos uma teleconsulta de pessoas idosas previamente atendidas presencialmente. As entrevistas por videoconferência foram gravadas, transcritas e submetidas à análise temática. **Resultados:** As pessoas idosas apresentavam elevada frequência de fragilidade, dependência funcional, demência e polifarmácia. Os cuidadores valorizaram a praticidade, a redução de deslocamentos e da exposição hospitalar, reconhecendo seu apoio como facilitador das consultas. Apesar da percepção favorável sobre a segurança das informações, persistiram preocupações com vulnerabilidades digitais. Os participantes preferiram o modelo híbrido, preservando o contato direto e a avaliação física presencial. **Conclusão:** Na perspectiva dos cuidadores, a telemedicina é viável como complemento ao acompanhamento presencial, considerando o apoio dos cuidadores, a acessibilidade tecnológica e as necessidades individuais, com preservação do vínculo terapêutico.

Palavras-chave: Telemedicina. Idoso. Cuidadores. Cuidados Paliativos.

ABSTRACT

Introduction: Telemedicine may support the care of older adults but requires technological resources and support during consultations. **Objective:** To analyze caregivers' perceptions of the feasibility of telemedicine for outpatient follow-up of older adults with complex care needs. **Methods:** A descriptive qualitative study conducted during the COVID-19 pandemic at the Geriatrics and Gerontology service of Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes, Espírito Santo, Brazil. Sixteen caregivers selected through convenience sampling had participated in at least one teleconsultation involving older adults previously receiving in-person care. Videoconference interviews were recorded, transcribed, and subjected to thematic analysis. **Results:** Older adults had high frequencies of frailty, functional dependence, dementia, and polypharmacy. Caregivers valued convenience, reduced travel, and reduced exposure to hospital settings, recognizing their support as a facilitator of consultations. Despite favorable perceptions of information security, concerns about digital vulnerabilities remained. Participants preferred a hybrid model that preserved direct contact and in-person physical assessment. **Conclusion:** From caregivers' perspectives, telemedicine is feasible as a complement to in-person follow-up, considering caregiver support, technological accessibility, and individual needs while preserving the therapeutic relationship.

Keywords: Telemedicine. Aged. Caregivers. Palliative Care.

[1] Universidade do Porto. Porto, Portugal.

[2] Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, Brasil.

[3] Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil.

[4] Universidade Federal do Pará. Belém, PA, Brasil.

Correspondência:
ronimukamal@yahoo.com.br

Licença:
Este é um resumo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

ISSN:
2446-5410

INTRODUÇÃO

A telemedicina consiste na prestação de assistência em saúde a distância por meio de tecnologias de informação e comunicação.[1] Seu uso ganhou relevância no contexto da pandemia de covid-19, diante da necessidade de reorganizar o acesso aos serviços de saúde.[2] No cuidado às pessoas idosas, essa modalidade pode apoiar a continuidade do acompanhamento, embora sua utilização envolva limitações tecnológicas e assistenciais.[3] Este estudo teve como objetivo analisar a percepção de cuidadores de pessoas idosas com necessidades complexas de cuidado sobre a viabilidade da telemedicina no acompanhamento realizado em um ambulatório especializado.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo qualitativo descritivo, realizado durante a pandemia de covid-19 no serviço de Geriatria e Gerontologia do Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes (Hucam), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em Vitória, Brasil. Participaram 16 cuidadores, selecionados por conveniência entre os acompanhantes de pessoas idosas atendidas no ambulatório do serviço, cada um responsável por uma das 16 pessoas idosas incluídas. Foram incluídos cuidadores de pessoas idosas previamente atendidas em consultas presenciais que haviam participado de ao menos uma teleconsulta nos três meses anteriores à coleta de dados. Assim, as percepções analisadas referem-se à experiência efetiva com o atendimento remoto, e não a uma possibilidade hipotética de uso.

As entrevistas, conduzidas com roteiro semiestruturado, foram realizadas por videoconferência (Microsoft Teams) por estudantes de graduação em Medicina previamente treinados, sob supervisão do pesquisador responsável. As questões do roteiro foram revisadas quanto à pertinência e à clareza por um comitê de cinco médicos geriatras. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas, e os dados foram submetidos à análise temática segundo Braun e Clarke,[4] com codificação manual, indutiva e dedutiva, realizada de forma independente por dois analistas da equipe de pesquisa, e identificação de barreiras e facilitadores percebidos no uso da telemedicina. Os dados clínicos das pessoas idosas foram extraídos dos prontuários eletrônicos.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Ufes (parecer nº 5.946.428). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes da entrevista, e as gravações e transcrições foram armazenadas de forma segura em nuvem institucional do pesquisador responsável.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo os prontuários eletrônicos, as 16 pessoas idosas acompanhadas pelos cuidadores tinham idade média de 80 anos (desvio-padrão de 7,8 anos), e todas apresentavam multimorbidade, definida pela presença de duas ou mais doenças crônicas. A fragilidade, avaliada pelo instrumento FRAIL, que classifica como frágeis as pessoas com três ou mais de seus cinco componentes, foi identificada em 14 (87,5%) pessoas idosas. A dependência funcional, avaliada pelos índices de Katz e de Lawton, referentes, respectivamente, às atividades básicas e instrumentais da vida diária, também foi identificada em 14 (87,5%). O diagnóstico clínico de demência, segundo os critérios do DSM-5, estava presente em 11 (68,8%), e a polifarmácia, definida como o uso de cinco ou mais medicamentos, em 15 (93,8%).

A análise das entrevistas identificou benefícios percebidos, condições de uso e limitações da telemedicina. Os cuidadores consideraram as consultas remotas práticas e valorizaram a redução de deslocamentos e da exposição das pessoas idosas a ambientes hospitalares. Segundo os cuidadores, seu apoio facilitou a participação nas teleconsultas, especialmente entre pessoas idosas com menor familiaridade tecnológica. Embora a segurança das informações digitais fosse percebida de forma favorável, foram relatadas preocupações com a vulnerabilidade do ambiente digital. A telemedicina foi compreendida como um recurso complementar às consultas presenciais. Os par-

ticipantes destacaram a importância do contato direto para o vínculo terapêutico e da avaliação física presencial, expressando preferência por um modelo híbrido de acompanhamento.

Esses achados dialogam com a literatura sobre os benefícios e as limitações da telemedicina no cuidado às pessoas idosas, as barreiras de acesso às consultas remotas e suas possibilidades de utilização na continuidade da assistência.[3,5,6] A preferência por um modelo híbrido sugere a importância de conciliar a conveniência do atendimento remoto com as necessidades de avaliação presencial e interação direta. Em cuidados paliativos domiciliares, uma revisão sobre experiências de pacientes com a telessaúde também descreveu benefícios percebidos na comunicação e no cuidado.[7] A aproximação com esses resultados deve considerar as diferenças de contexto assistencial e o fato de que, neste estudo, foram analisadas percepções dos cuidadores.

Entre as limitações, destacam-se a realização do estudo em um único serviço especializado, a amostra por conveniência e a coleta durante a pandemia de covid-19, período em que as restrições de mobilidade podem ter favorecido a aceitação da telemedicina. Além disso, a análise restringiu-se à perspectiva dos cuidadores, e a inclusão de participantes que já utilizavam teleconsultas e foram entrevistados por videoconferência pode ter reduzido a representação de pessoas com maiores barreiras digitais.

CONCLUSÃO

Na perspectiva dos cuidadores entrevistados, que já haviam participado de teleconsultas, a telemedicina é viável como recurso complementar à assistência presencial de pessoas idosas com necessidades complexas de cuidado. Seus benefícios percebidos incluem a praticidade das consultas e a redução de deslocamentos. A preferência por um modelo híbrido destaca a importância de preservar o contato presencial, a avaliação física direta e o vínculo terapêutico. A utilização dessa modalidade deve considerar o apoio dos cuidadores, a acessibilidade tecnológica e as necessidades individuais das pessoas idosas. Os achados descrevem a percepção dos participantes, sem estabelecer equivalência clínica entre consultas remotas e presenciais.

REFERÊNCIAS

1. World Health Organization. WHO guideline: recommendations on digital interventions for health system strengthening [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2019 [citado 6 out. 2026]. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/9789241550505.
2. Gonçalves RF, Giovanini AF, Nascimento GB, Isolan GR, Sigwalt MF, Malafaia MT, et al. A telemedicina pode ser tão confiável quanto a medicina convencional quando usada no Sistema Único de Saúde – SUS? SciELO Preprints [Preprint]. 2023 [citado 6 out. 2026]. doi:10.1590/SciELOPreprints.7703.
3. Bujnowska-Fedak MM, Grata-Borkowska U. Use of telemedicine-based care for the aging and elderly: promises and pitfalls. Smart Homecare Technol Telehealth. 2015;3:91-105. doi:10.2147/SHTT.S59498.
4. Braun V, Clarke V. Using thematic analysis in psychology. Qual Res Psychol. 2006;3(2):77-101. doi:10.1191/1478088706qp063oa.
5. Cunha AS, Pedro AR, Cordeiro JV. Facilitators of and barriers to accessing hospital medical specialty telemedicine consultations during the COVID-19 pandemic: systematic review. J Med Internet Res. 2023;25:e44188. doi:10.2196/44188.
6. Freire MP, Silva LG, Meira ALP, Louvison MCP. Telemedicine in healthcare access during the covid-19 pandemic: a scoping review. Rev Saude Publica. 2023;57(Suppl 1):4s. doi:10.11606/s1518-8787.2023057004748.
7. Steindal SA, Nes AAG, Godskesen TE, Dihle A, Lind S, Winger A, et al. Patients' experiences of telehealth in palliative home care: scoping review. J Med Internet Res. 2020;22(5):e16218. doi:10.2196/16218.